

Lusofonia, adeus!

Acordo jogou gasolina na fogueira do antibrasileirismo em Portugal

Sérgio Rodrigues

Escritor e jornalista, autor de "O Drible" e "Viva a Língua Brasileira"

Olá, meu nome é Sérgio e eu já acreditei no mito da lusofonia. Embarço, eusei. Defendia o acordo ortográfico e tudo. Essas coisas costumam ter raízes fundas na história da gente. Lembro que lia Fernando Pessoa e sentia que o sujeito, além de frequentar o café A Brasileira no Chiado (onde ainda se encontra em forma de estátua), poderia ter tido um heterônimo brasileiro se quisesse.

Era tão grande minha identificação que, ao publicar em 2016 o livro "Viva a Língua Bra-

sileira!", usei o homem para me declarar contrário à ideia do português brasileiro como idioma autônomo — ideia amparada por um caminho de argumentos linguísticos, à espera apenas de uma decisão política.

A defesa que o livro faz da língua falada aqui é cada dia mais atual, mas já não creio na miragem de uma comunidade internacional em que nossas diferenças fossem encaradas como riqueza e não como defeitos. Eu via beleza naquilo. Prega-

va uma língua brasileira "sem submissão ao jeito lusitano, mas ao mesmo tempo sem espereios de independência que pudessem transformar (que horror!) a poesia de Fernando Pessoa em terra estrangeira".

Transformar a poesia de Fernando Pessoa em terra estrangeira me parece inevitável hoje. Se o "acordo" ortográfico serviu para algo, foi para deixar isso claro.

Já implantado no Brasil de cabo a rabo, seria ridículo que o revogássemos, além de um desperdício de dinheiro. Mas

convém tratar como reforma brasileira o que não passou de desacordo, gasolina na fogueira do antibrasileirismo em Portugal — onde a nova ortografia foi rejeitada em peso pela sociedade — e motivo de confusão na África.

Com receio de estar reagindo com o fígado depois de ler na Folha sobre a discriminação sofrida por alunos brasileiros em escolas portuguesas, achei melhor consultar quem é mais sábio do que eu — no caso, dois dos principais linguistas do país.

Carlos Alberto Faraco trabalhou para fazer o acordo funcionar, como coordenador da comissão brasileira do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP). "É uma comunidade lusóvia, perdida em picuinhas", reconhece hoje.

No livro "Português ou Brasileiro?" (Parábola), de 2001, Marcos Bagno faz uma denúncia bem fundamentada do entulho lusófilo que deixa a língua-padrão ensinada nas escolas brasileiras tragicamente distante da vida real.

"Eu defendo a autonomia do português brasileiro com argumentos de ordem fonética e morfosintática", declara, dizendo-se "muito triste mesmo" com os relatos de preconceito em Portugal.

Está claro que o português não deseja se tornar uma língua sem centro, com 270 milhões de falantes e algumas variedades nacionais.

Chega de perder tempo. Mesmo porque temos pela frente um trabalho gigantesco de pesquisa, sistematização, faxina e reforma do ensino, se quisermos tornar a língua falada no Brasil — português brasileiro ou brasileiro só — um espelho menos distorcido para 210 milhões de falantes.

Nossa esquizofrenia linguística leva o sentimento antibrasileiro que está em alta em Portugal a dar as caras também por aqui o tempo todo, até em artigos de gente que, tida como esclarecida, não se envergonha de suspirar por um passado linguístico mítico — lusófilo, claro — e lamentar nossa "decaência".

Trata-se de uma doença cultural antiga que a miragem da lusofonia, por vias tortas, só fez agravar. Mas agora estou curado. Viva a língua brasileira!

| DOM. António Prata | SEG. Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho



Liderança yanomami assina carta denunciando truculência de pelotão do Exército, na comunidade Maturacá (AM) Divulgação

Yanomamis acusam pelotão do Exército de truculência

Líderes dizem que tenente prendeu indígena inocente; militares negam

Fabiano Maisonave

MANAUS Em carta ao Exército e ao Ministério Público Federal, duas associações yanomamis exigem a saída do comandante do 5º PEF (Pelotão Especial de Fronteira), sob acusação de agir de forma autoritária contra os indígenas. O Exército nega má conduta, mas afirma que in-

vestigará a denúncia. O documento, de 2 de maio, acusa o tenente Castilho de entrar em aldeias com homens armados sem autorização das lideranças, de submeter indígenas a revistas truculentas e de ameaçar atirar contra yanomamis. O PEF está localizado ao lado da comunidade Maturacá (AM), na Terra Indígena Yanomami.

"O ápice desta postura autoritária e truculenta aconteceu quando os nossos guerreiros yanomamis estavam retornando da caçaria trazendo as caças já defumadas e acomodadas, como manda nossa tradição cultural para a festa da banana. O mesmo deu um grito forte dando ordens para que a embarcação parasse, para os seus soldados

abrirem os volumes que ali estavam e fosse feita a fiscalização", diz a carta assinada pela Ayra (Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes) e pela Kumirayoma, uma associação de mulheres.

"Porém, na nossa cultura tradicional, isso não é permitido. Aqueles emburlos representam a essência do ritual fúnebre dos nossos entes queri-

dos já falecidos. De forma alguma pode ser aberto. Mas o tenente queria abrir e ameaçou dar tiros de fuzil no motor de popa se não fosse obedecido prontamente."

A mensagem, enviada ao general Alexandre de Mendonça, comandante da 2ª Brigada de Infantaria de Selva, em São Gabriel da Cachoeira (AM), diz que os yanomamis não aceitam esse desrespeito e não querem a permanência do militar.

Embora não conste no documento, o catalisador da denúncia foi a prisão, pelo PEF, de um jovem yanomami de 20 anos. Ele é apontado pelos militares como o autor de uma tentativa de estupro, ocorrida no dia 27 de abril contra a mulher de um soldado do PEF.

O yanomami foi preso e mais tarde ganhou liberdade provisória por decisão judicial. Ele continua proibido de voltar para Maturacá.

As associações não negam o episódio violento, mas afirmam que o yanomami levado pelo PEF é inocente.

A afirmação tem o respaldo da Funai (Fundação Nacional do Índio), por meio de ofício da coordenadoria regional ao juiz Atila Nunes.

A Funai pediu que o jovem fosse autorizado a voltar para casa, já que não tem recursos para comida e hospedagem. Os yanomamis estão incluídos na política de proteção aos índios isolados e recém-contatados da Funai.

O episódio acontece no momento de crescente tensão na TI Yanomami por causa da presença maciça de garimpeiros. Além disso, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) cogita visitar Maturacá no final deste mês.

Em uma live há duas semanas, ele voltou a defender a legalização da mineração em terras indígenas, afirmou que

quer visitar um garimpo ilegal de ouro e que gostaria de instalar postos da Caixa nos PEFs para que os garimpeiros possam vender o mineral.

Via assessoria de imprensa, o Comando Militar da Amazônia (CMA) afirmou que a denúncia causa estranheza e que o tenente Castilho exerce a função há 15 meses sem ter sido questionado pelos yanomamis. Por outro lado, a nota afirma que "todos os esforços estão sendo envidados para apurar rigorosamente o descrito no documento das associações indígenas".

Segundo o CMA, duas lideranças yanomamis visitaram o comando da Brigada, em São Gabriel, no dia 3 de maio e que, na ocasião, não mencionaram qualquer problema entre o PEF e Maturacá. "A visita espontânea do cacique foi uma oportunidade para reafirmar os laços de amizade e de confiança entre os yanomamis e o Exército, segundo o próprio líder tradicional".

Garimpeiros atiram em policiais federais

Uma equipe de policiais federais foi atacada por disparos de arma de fogo no final da tarde de terça (11) quando se preparava para deixar a comunidade indígena Palimiu, às margens do rio Uruacoera (RR).

Segundo a PF, os disparos partiram de uma embarcação de garimpeiros que passou no momento em que a equipe estava prestes a voltar para Boa Vista. A equipe se abrigou e atirou de volta, conforme relato da PF. Não houve registro de feridos. Os policiais foram para a comunidade após ataque de garimpeiros contra os yanomamis na segunda (10).

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS

***Siga*folha**

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para ocupar as vagas de **Médico**. Requisitos: Especialista em Medicina, CRM ativo, Residência ou Especialidade. Contato em: Rua Machado de Assis, 449 - Alto Rosa - Teresopolis - RJ - CEP: 13862-211. Ou no site www.folha.com.br.

MOTORISTAS MULHERES e HOMENS
150 VAGAS
Atribuições: • Condução e visita de macro-ônibus. • Venda itinerários de viagens. • Controle do embarque e desembarque de pessoas. • Manter a segurança e conforto dos passageiros.

MANOBRISTAS MULHERES e HOMENS
30 VAGAS
Atribuições: • Manobrar macro-ônibus na garagem. • Manter o setor organizado e limpo.

Comparecer, com documentos, às 9h, à Rua Andressa, 101, Jaraguá

CLASSIFICADOS FOLHA 11/3224-4000

IMÓVEIS

INTERIOR, LITORAL OUTROS ESTADOS

TERRENOS

CLASSIFICADOS FOLHA 11/3224-4000

NEGÓCIOS

DETEETIVES

11.A. ATIVIDADE DETETIVE

DETEETIVIZ

CLASSIFICADOS FOLHA 11/3224-4000